

A linguagem museológica

“A interpretação histórica - crítica do texto procura individuar com rigor o sentido original das palavras, tal como eram entendidas no seu lugar e no seu tempo. Isto é correcto e importante. Mas, independente da certeza apenas relativa a tais reconstruções, é preciso ter presente que cada palavra humana de um certo peso traz consigo uma relevância superior à noção imediata que, na hora, o autor pôde ter da mesma. Esta ‘mais-valia’ intrínseca da palavra, que transcende o momento histórico, verifica-se ainda mais nas palavras que foram amadurecendo no processo da história da fé. Aqui o autor não fala simplesmente por si e para si; fala a partir de uma história comum que o sustenta e na qual, em surdina, já estão presentes as possibilidades do seu futuro, do seu caminho sucessivo. O processo das leituras progressivas e dos desenvolvimentos das palavras não seria possível, se nas próprias palavras não estivessem já presentes tais aberturas intrínsecas.

Aqui podemos por assim dizer intuir, mesmo historicamente, o que significa inspiração: o autor não fala como privado, como um sujeito fechado em si mesmo” (Ratzinger, 2008, p. 11).

Concordo de todo com Marcelo Cunha quanto ao imperativo dos museus em dar voz às comunidades porque, de contrário, cairiam num discurso vazio de sentidos. Trabalhando com a identidade, os museus têm de munir-se com estratégias de comunicação: texto expográfico carregado de ideias, conceitos, propostas e recursos, contemplando três dimensões de espaço e de tempo: passado, presente e futuro; o real, o abstracto e o virtual. Todos convivendo no mesmo espaço e momento.

A linguagem museológica, a par dos textos literários, tem ritmo específico, gramática própria, sintaxe e lógica, coordenando assim a articulação entre os diversos elementos do espaço das exposições: conexão de referências várias resultando numa lógica latente no texto expográfico que se pretende construir.

Qualquer estudo sobre a museologia reflecte as relações entre a sua linguagem – expografia, como texto carregado de ideias, conceitos, propostas e recursos - numa determinada época e a situação política, económica, social, religiosa e cultural desse mesmo período de tempo. No entanto, não pretendo afirmar que essas condições socioeconómicas sejam determinantes para a prática museológica contemporânea, mas sem quaisquer dúvidas, a linguagem museológica e a sua mensagem pressupõem um profundo conhecimento do meio social onde determinada acção museológica se desenrola.

Por exemplo, poderemos recuar ao século XX, aos períodos fascistas e ir buscar um conceito, comum a Itália, Portugal, Alemanha e Espanha, para todas as manifestações culturais, no âmbito do ideal de belo em relação ao corpo humano, bebendo dos modelos clássicos, retomando o neoclassicismo, promovendo uma ideologia que promove a superioridade de uma raça. Essas representações do corpo humano transmitem-nos energia positiva - força, vigor -, mas também negativa – agressão! Poderemos ler um excerto de Hitler:

“O fim supremo do Estado volkisch é velar pela conservação dos representantes da raça primitiva, dispensadores da civilização, beleza e o valor moral da humanidade superior.” (Hitler, 1998, p. 309)

No período salazarista, em Portugal, também o regime segue o exemplo dos seus congéneres europeus, no que respeita a cortejos e exposições, chegando mesmo à Exposição do Mundo Português, expoente máximo da ideologia vigente. Vivíamos o tempo de 1940, onde os valores de nacionalismo e de Império eram exaltados desmedidamente, assim como os grandes restauros, por vezes bastante criativos, também abundavam. Pelas palavras de Augusto de Castro¹, poderemos vislumbrar as imagens, cenografias e rituais envolventes, assim como a arquitectura, símbolos, murais, mensagens, que transmitiam as ideias políticas a gentes – público – em torno de valores comuns e de mitos, fazendo acreditar numa nação alheada, ingenuamente, do flagelo da guerra:

“A exposição do Mundo Português é o primeiro certame que tem a expressão dum grande documentário da civilização. Será uma exposição de «espírito» - o padrão comemorativo da exposição de vinte séculos portugueses. (...) Mas sendo um olhar lançado sobre o passado, o nosso certame não terá um carácter exclusivamente erudito – e muito menos arqueológico. Deverá ser, ao contrário, uma lição de energia, uma perspectiva do génio português através de todos os seus estímulos de grandeza, um balanço de forças espirituais. Quer dizer: a Exposição não será um Museu de coisas mortas, mas um exemplo e uma exaltação das forças permanentes e imortais da nossa raça.”. (Barbosa P. G., 2006, p. 271)

Não podemos ser inocentes ao ponto de nos alhearmos à importância, que ao longo da História, a linguagem dos museus assumiu e ainda hoje detém, como espaços predominantemente políticos, dada a natureza humana. Somos inevitavelmente seres politizados!

¹ Augusto de Castro, Comissário Geral da Exposição do Mundo Português de 1940.

Lembrando as palavras de Marcelo Cunha, os museus existem para dar voz às comunidades, caso contrário, os museus continuarão com um discurso vazio de sentidos, eu acrescento, vazio de sentidos de contemporaneidade, repletos, sim, de urbanidade e tolerância, promovendo a educação social e global com exposições que traduzam discursos por meio de imagens, referências espaciais e interações. Implicando profissionais com uma primordial função: traduzir afirmações, questões, anseios, prazeres, numa proposição de soluções de demandas coletivas e sociais.